



**RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM NOVO
OLHAR SOBRE A PRISÃO**

1. A chegada na prisão: Seu cotidiano e desafios

Historicamente a sociedade de uma maneira quase unânime, maximiza de maneira estereotipada os presos. Muitas pessoas dizem que não há mais solução para eles, que só fazem comer de graça do governo, e merecem a pena de morte.

Contudo, nem sempre a realidade que nos contam, de maneira parcial, condiz com a verdade que vivenciamos na Penitenciária Juiz Plácido de Sousa. Durante três anos, de segunda-feira a sexta-feira, de 2009 a 2011.

As pessoas que se encontram na prisão "expurgado seus delitos", em sua grande maioria são pessoas pobres, com baixa escolaridade e negras, e têm boa vontade para o trabalhar.

Muitos presos até tentam trabalhar na informalidade, no entanto, por vezes, têm suas mercadorias tomadas por guardas municipais ou policiais, nas ruas, ônibus e metrô.

Isso desanima quem quer trabalhar de maneira honesta, conseqüentemente, sem oportunidade muitos voltam ao mundo do crime. Dessa forma os presos são marginalizados.

Sem oportunidade, porque são marginalizados desde o seu nascimento, uma vez que, os pobres são oprimidos através das instituições de controle social.

Isso é um reflexo da contradição capitalista, da desigualdade social, e a estratificação e perpetuação dessa desigualdade social (MARX, 1998).

Dentro da Penitenciária Juiz Plácido de Souza, em Caruaru, Pernambuco, é um mundo dinâmico, inúmeros trabalhos artísticos são feitos pelos reclusos.

No cotidiano os presos trabalham, estudam, praticam esportes vão a Igreja.

Produzem mais de 20.000 calças para as lojas, mais de 2.000 pães, para a cantina, que fica no interior da prisão. Esses pães servem para alimentação dos presos.

A cultura é muito forte dentro da prisão, por exemplo tem: capoeira, teatro, confecção de máscara, artes plásticas, também, confecção de estofado, roupas, etc., dos quais há uma participação de mais de 60% em alguma atividade.

Esses dados são do ano de 2009 a 2011, enquanto fazia parte do projeto Conexões de Saberes, que é um diálogo entre a Universidade e a comunidade, atuei como professor.

A Penitenciária Juiz Plácido de Sousa foi construída para abrigar 98 pessoas. No ano 2009, havia mais de 990 pessoas cumprindo pena na unidade, no ano de 2010 tinha mais de 1.000 detentos (BARROS, 2007).

Quase todos os dias chegam mais presos, oriundos de Caruaru e adjacências. Essa região é marcada com essa dicotomia, muitas riquezas para poucos, e quase nada para muitos.

Através de entrevista com os presos, foi constatado que muitos deles tinham uma vida à margem da sociedade. Teve um grupo que estavam lá por falta de assistência do Estado de Direito.

Eles contaram que anteriormente trabalhavam em um lixão, localizado em Muribeca-Jaboatão dos Guararapes-PE, com o fechamento do mesmo, e a falta de um olhar por parte dos mecanismos de inclusões, tiveram que realizar furtos para sobreviver (WAQUANT, 2001).

Alguns foram presos por está vendendo DVD pirata, uns por não pagar pensão, e outros porque furtou e outros de maior gravidade. Nesse ambiente estão misturados, detentos de variados graus de criminalidade.

Segundo os reclusos a principal dificuldade enfrentada por eles é a exclusão da sociedade. Nas empresas não é dada oportunidade para eles trabalhar, por ser ex-detento não são aceitos.

A sociedade em sua grande maioria não acredita na ressocialização dos detentos. A prisão deixa marcas excludentes, e o egresso não consegue voltar ao mercado formal.

Quando vão trabalhar na informalidade são perseguidos também, quando tem suas mercadorias tomadas, por guardas municipais com o apoio da polícia.

Sem oportunidade e vendo toda a sua família passa dificuldade, muitos deles voltam ao mundo da criminalidade.

Esse retorno ao mundo do crime ocorre por falta de políticas que humanizem, de maneira digna, e insiram os ex-presidiários na sociedade através do trabalho.

Essa iniciativa já seria um primeiro passo para inclusão dos ex-presidiário dentro da sociedade, que desde tempos imemoriais estigmatiza os egressos do sistema prisional; o estereótipo ainda é muito grande, mesmos depois de inúmeras campanhas para inclusão deles no mercado de trabalho (SOARES, 2004).

Podemos ver através de seus desenhos e redações, que os detentos de uma maneira geral têm um apreço muito grande pela família. Depois vem à religião e por fim nessa tríade o sonho de um emprego ao sair do sistema penal.

Para que seus sonhos se tornem real tem haver toda uma articulação entre os empresários, Universidades, e a sociedade, num só ideal, ou seja, a ressocialização dos presos, só assim, poderá haver uma sociedade com mais igualdade, fraternidade e liberdade.

Enquanto a sociedade tiver essa atitude de ver como invisíveis os ex-presidiário não vai haver mudança, mas quando essa atitude for trocada pela inclusão dos presos, então ocorrerá mudança na vida desses excluídos, também trará uma estabilidade social de fato (BARROS, 2007).

2. A educação e a arte no espaço prisional

Vimos que podíamos fazer algo para mudar essa situação vigente, não só aqui em Caruaru, no Agreste pernambucano, sim, em todo Brasil! A situação é bem desumana.

Tínhamos pela frente esse grande desafio, o que fazer para ressignificar a vida dessas pessoas que vivem a margem da sociedade?

A raiz dessa situação se encontra na educação, cultura e também na política. Então baseado nesse contexto criamos um projeto de intervenção que de alguma forma transformasse essa triste realidade.

Então surgiu a ideia de trabalhar uma educação diferenciada, na qual, o preso não apenas estudasse três dias, para ganhar um dia a menos em sua pena, remição de pena.

A abordagem integral/holística foi a escolhida para trabalhar com os alunos/reclusos, ou seja, iríamos trabalhar: a esfera política, educacional e cultural, dentre outros conteúdos para vida em sociedade.

Esse capital cultural que a arte acadêmica, artes plásticas despertou o interesse dos alunos/detentos, que durante as aulas que começou pelo desenho artístico que teve como módulos: Anatomia humana e animais, Casarios, Paisagens, Letreiros, natureza morta e nudismo dentre outros que foram sendo pedidos pelos alunos. Através de inúmeros exercícios e mediação, eles foram avançando em direção a uma formação que quando os mesmos saírem pudessem trabalhar na informalidade, mas com aproximadamente uns 4 meses muitos deles já ganhavam dinheiro, desenhando fotos de familiares de outros detentos. BOURDIEU (1975),

Eles já tinham orgulho de suas criações, a auto-estima aumentou de forma bem visível. A alegria em seus rostos, e alguns diziam: -"eu vou ensinar ao meu filho o que eu aprendi aqui dentro, para que ele tenha orgulho do pai que tem, e nunca siga meu exemplo". Pediram que fizessem uma exposição, e assim foi feito (CARRARA, 2004).

Os presos começaram a resignificar a suas vidas, pois viram o que a cultura dizia que tinha que nascer com dom, essa proposição estava errado, pois só bastaram alguns reais, o professor e pessoas dispostas a aprender.

O conhecimento para a arte foi sendo construído pela força de vontade de cada elemento que estava posto nessa teia. Para construção/desconstrução do ser humano, pois o segundo Freire (2000) o sujeito é um ser inconcluso, ou seja, não está completo, para Nietzsche (2002) o homem é devir, ou seja, está em constante transformação. Já para Deleuze (1995) o sujeito é um ser em potencial

.

Nós tentamos trabalhar de uma maneira interdisciplinar. Pois, vimos que arte era o elemento de mediação para se chegar as palavras geradoras, assim, então trabalhar a língua portuguesa, e a leitura e escrita, numa perspectiva libertária.

Começamos trabalhado com os alunos reclusos a vivencia de mundo, o que eles aprenderam lá fora. Porque iríamos aproveitar essas vivencia para estruturar uma aula que a matéria prima era a vida de cada um, em sua singularidade.

Quando o saber deles são valorizados, isso tende a despertar o interesse deles. Podemos trabalhar as reminiscências de cada um ali presente, e o que era significativo para eles, usando para isso o contexto de cada um (FREIRE, 2000).

As relações de poder são socialmente construídas e legitimadas. Primeiramente tivemos de quebrar esse paradigma do professor autoritário, que só ele sabe.

Mostramos que era possível trabalhar na perspectiva reflexiva, na qual, há um diálogo bem dinâmico professor/aluno, vai além uma educação em que só o educador sabe, mas tem que haver uma relação de troca de conhecimento.

O conhecimento é bem dinâmico, é essa construção/desconstrução, não é algo estático, mas, está em constante construção. Por esse motivo o educador tem de fazer de sua vida uma pesquisa para criar o novo.

Para depois adequar a esses novos tempos de conflito. O professor tem que está aberto a aprender com seus alunos também, a aprendizagem é uma troca dinâmica (TOSI, 2002).

É no embate que o educador é forjado. E seus próprios valores são posto em xeque, e junto com o outro ressignifica a sua vida baseado na igualdade, liberdade e fraternidade, que são os lemas do iluminismo Francês (ALARÇÃO, 2003).

3. As relações de solidariedade, conflitos e tensões no ambiente prisional

Tem os parâmetros para um preso ter a solidariedade dos demais. Lá fora ele têm que cumprir o código de ética que existem entre eles: não dever dinheiro de droga, não arrumar briga por banalidade, não roubar onde mora, não rouba pai de família, não ser estuprador dentre outras coisas.

Quando são presos, os outros já sabem porque aquela pessoa está lá. Se for uma pessoa que não tenha quebrado o código de ética; eles ajudam o preso novato; arrumam colchão, comida, interações, que facilita em muito a vida dentro da prisão.

Tem-se formado na gestão uma teia de solidariedade: as Universidades, as indústria têxtil, os grupos filantrópicos, dentre outros seguimentos que vem cada vez mais atuando junto ao sistema prisional, objetivando assim um espaço mais democrático.

4. Considerações finais Face ao exposto

Podemos ver que a articulação entre as instituições e o sistema prisional, Penitenciária Juiz Plácido de Souza, têm cada vez mais estreitando os elos e incluindo os ex-detento na sociedade, como ser que podem melhorar de maneira qualitativa através da educação e Arte, pois a mesma é a base de uma sociedade mais igualitária.

Podemos ver no cotidiano dos presos os reflexos da educação e do trabalho; vemos pessoas mais preparadas para serem inseridas na sociedade, assim, participar ativamente como sujeito de direitos.

Esse trabalho teve propósito de mostrar a realidade dos presos. Dessa forma a sociedade possa ter uma visão menos preconceituosa, assim incluir essas pessoas, que para muitos são invisíveis.

Podemos constatar que na Penitenciária Juiz Plácido de Sousa tem ocorrido um grande avanço dos direitos e na inclusão dos detentos na sociedade. Eles estão reeducado e pronto para contribuir para uma sociedade mais forte e organizada, que ocorre através da educação para todos os excluídos.

Referências

BARROS, Ana Maria de.. FRATERNIDADE, POLÍTICA E DIREITOS HUMANOS. Revista da Faculdade de Direito de Caruaru. João Pessoa: Idéia, 2007.

_____. FÉ, POLÍTICA E PRISÃO.

PASTORAL CARCERÁRIA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA: UM ESTUDO NA PENITENCIÁRIA JUIZ PLÁCIDO DE SOUZA EM CARUARU DE 1996 A 2002. UFPE: Recife, Doutorado em Ciência Política.

Defesa em: 19 de janeiro de 2007. BOURDIEU, P;

PASSERON, J. C. A REPRODUÇÃO. ELEMENTOS

PARA UMA TEORIA DO SISTEMA DE ENSINO. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. CARRARA, K.

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO. São Paulo: Avercamp, 2004.

DELEUZE, Gilles. MIL PLATÔS - CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA. vol. 1 / Gilles Deleuze, Félix Guattari ; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. ?Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DA ESPERANÇA. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. _____. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA. SABERES NECESSÁRIO À PRÁTICA EDUCATIVA / Paulo Freire. ?São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. VIGIAR E PUNIR. A HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA NAS PRISÕES. Petrópolis: Vozes, 1977.

MARX, K. O CAPITAL, Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. PARA ALÉM DE BEM E MAL, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. PERALVA, A. VIOLÊNCIA E DEMOCRACIA. O PARADOXO BRASILEIRO. São Paulo: Paz e Terra, 2000. SOARES, M. V.B. CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS. In. CARVALHO, J.S.F. de. Educação, Cidadania e Direitos Humanos. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. TOSI, G. HISTÓRIA E ATUALIDADE DOS DIREITOS DO HOMEM. In. NEVES, P, S C (org.) Polícia e Democracia. Desafios à Educação em Direitos Humanos. Recife: GAJOP/Bagaço, 2002. WAQUANT, L. OS CONDENADOS DA CIDADE. Rio de Janeiro: Revan / Fase, 2001.

Quem sou eu?

Meu nome é Moisés Félix de Oliveira, 42 anos, moro em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. Sou formado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco(UFPE). Atualmente estou cursando Direito. Meu e-mail de contato: mfelix10@gmail.com